

DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS NO MUNDO: O EXEMPLO RECENTE DA UNIÃO EUROPÉIA

Barbara-Christine Nentwig SILVA¹

Maina Pirajá SILVA²

Resumo

O trabalho analisa os desequilíbrios regionais da União Européia (UE) em diferentes momentos de sua formação histórica e com base nas diversas escalas de sua configuração espacial. As mudanças recentes, isto é, desde 1995, nos desequilíbrios regionais expressam aspectos significativos trazidos pelas sucessivas incorporações de novos países: os desequilíbrios eram bem menores na Europa dos 6 países formadores do que na Europa dos 9, dos 10, dos 12, dos 15, dos 25 e dos atuais 27 países. O mesmo ocorre quando se calcula o índice de desequilíbrios regionais para as regiões NUTS 1, as regiões NUTS 2 e as regiões NUTS 3. A crescente heterogeneidade da União Européia trouxe, portanto, maiores índices de desequilíbrios regionais e maiores diferenciais de renda *per capita*, também objeto de análise no artigo. Estas questões colocam novos e importantes desafios para a política regional da União Européia.

Palavras-chave: Desequilíbrios regionais. União Européia. Desenvolvimento regional.

Abstract

Regional imbalances around the world: european union's recent example

This work analyses regional imbalances present in the European Union (EU) along different moments of its historic constitution, based on scales regarding its spatial configuration. Recent changes, meaning changes that took place since 1995, in regional imbalances express meaningful aspects brought up by successive inclusions of new countries. Imbalance was less evident in Europe when there were only 6 countries constituting the Union than when there were 9, 10, 12, 15, 25 and the current 27 countries. The same occurs when one calculates the index of regional imbalances for regions NUTS 1, regions NUTS 2 and regions NUTS 3. Therefore, the increasing heterogeneity in European Union was accompanied by larger indexes of regional imbalances and larger differences in income *per capita*, which was another purpose of analysis of this article. These issues put forward new and important challenges for European Union's regional policy.

Key words: Regional imbalances. European Union. Regional development.

¹ Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social/UCSAL e Mestrado em Geografia/UFBA. Pesquisadora do CNPq. E-mail: barbarans@ucsal.br

² Licenciada em Geografia/UFBA e Bacharelada em Geografia/UFBA. Bolsista de Iniciação Científica/CNPq. E-mail: mainapiraja@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

A temática dos desequilíbrios regionais em escala nacional tem sido, ao lado dos desequilíbrios internacionais, objeto de grande interesse analítico e aplicado. No Brasil, publicamos recentemente um livro (SILVA; SILVA; COELHO, 2008) detalhando esta questão em nosso meio com base em uma análise inter-escalar (Grandes Regiões, Estados, mesorregiões, microrregiões e municípios) propiciada pela recente disponibilidade de informações em todas estas escalas. Algumas comparações internacionais foram feitas, despertando o interesse em avançar muito mais na análise de outras realidades.

Surgiu, por conseguinte, a vontade de estudar os desequilíbrios regionais em outras grandes regiões do mundo, especialmente os da Europa, considerando sua dinâmica recente e significativa experiência histórica, sua diversa configuração espacial, sua atenção prioritária às políticas regionais de desenvolvimento e a excelente disponibilidade de dados existentes na União Européia (UE) (GOMES, 1997; ALVA, 2000).

As informações utilizadas baseiam-se nos dados fornecidos pelo EUROSTAT, o instituto estatístico da União Européia, com sede em Luxemburgo, responsável pela divulgação de dados estatísticos referentes à União Européia e seus países membros. Segundo esta fonte, a maioria dos dados é fornecida pelos institutos estatísticos dos respectivos países membros da UE. Esses dados foram coletados, trabalhados e harmonizados, visando a máxima padronização, e divulgados posteriormente para o conjunto da União Européia, permitindo, assim, uma análise e comparação das informações confiáveis referentes aos países ou suas regiões, que foram levantadas e tratadas. O EUROSTAT visa constantemente a melhoria e desenvolvimento do sistema estatístico, contribuindo para a divulgação de informações importantes para as mais diversas áreas de interesse da sociedade (demografia, economia, meio ambiente, etc).

As estatísticas do EUROSTAT podem ser obtidas por qualquer cidadão do mundo, sem restrição e sem custo no site <http://ec.europa.eu/eurostat>. Este acesso gratuito foi instalado em outubro de 2004, sendo atualizado diariamente, permitindo, assim, a aquisição de informações mais recentes nos seus bancos de dados ou publicações em formato PDF. O usuário escolhe entre três línguas o acesso às informações (alemão, francês e inglês).

Neste trabalho, assumimos que os desequilíbrios regionais constituem, em um determinado momento, uma síntese têmporo-espacial das combinações entre questões econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais que resultam em contextos espaciais desiguais, do ponto de vista econômico-social, ou seja, em regiões ricas e regiões pobres.

Williamson (1977, original de 1965) foi o pioneiro em propor uma metodologia para analisar os desequilíbrios regionais, do ponto de vista econômico-social, em diferentes países (no caso 24 países) tomados em uma única divisão regional, ou seja, a divisão de cada país em estados, províncias, etc.

Trabalhando com uma equação que combina a população nacional de um determinado país, a população das regiões, a renda *per capita* nacional e a renda *per capita* das regiões, Williamson criou um índice que permitiu comparar os países selecionados. Quanto mais próximo de zero, menor será o desequilíbrio regional de um determinado país. A vantagem do Índice de Williamson é a sua consistência e simplicidade, facilitando sua aplicação e comparação em diferentes contextos e escalas.

A equação original de Williamson é a seguinte:

$$V_w = \frac{\sqrt{\sum_i (y_i - \bar{y})^2 \frac{f_i}{n}}}{\bar{y}}$$

Onde:

f_i = população da i -ésima região

n = população nacional

y_i = renda *per capita* da i -ésima região

\bar{y} = renda *per capita* nacional

Desta forma, o objetivo do artigo é o de dimensionar, com base em uma análise estatístico-cartográfica, os desequilíbrios regionais na União Européia, em diferentes momentos de sua formação histórica e nas diversas escalas de sua configuração espacial, comparando-os, em determinados casos, com a realidade brasileira.

A CONSTRUÇÃO DA UNIÃO EUROPÉIA

A instituição supra-nacional hoje conhecida como União Européia, certamente o bloco de nações que mais avançou em termos de estrutura e funcionamento, começou a se constituir nos anos que se seguiram à II Guerra Mundial. O esforço de cooperação entre países europeus teve início em 1951 com a constituição da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA) e, em 1957, o Tratado de Roma cria a Comunidade Econômica Européia (CEE) ou Mercado Comum Europeu, formada pela Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo. Somente em 1973 ocorre a primeira expansão com a incorporação da Dinamarca, Irlanda e Reino Unido, elevando o número de países membros para nove. Logo a seguir, "começam a ser atribuídas elevadas verbas para fomentar a criação de empregos e de infra-estruturas nas regiões mais pobres" (EUROPA. *A história da União Européia*). A Grécia entra em 1981. Em 1986, Espanha e Portugal são admitidos na União Européia, seguidos, em 1995, pela Áustria, Finlândia e Suécia, formando, agora, a chamada Europa dos 15. Em 1990, a Alemanha é unificada com a extinção da República Democrática Alemã, anteriormente parte do bloco econômico socialista. Em 1992 é assinado o Tratado de Maastricht, considerado o Tratado da União Européia pela consolidação e expansão das formas de cooperação. Em 2004, quinze anos após a queda do muro de Berlim, entram na União Européia vários países do antigo bloco europeu oriental (socialista), Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia e República Tcheca, além de Chipre e Malta. É a Europa dos 25 que não vai demorar muito já que, em 2007, se dá a adesão da Bulgária e Romênia, também antigos representantes do bloco socialista. Portanto, hoje a União Européia é formada por 27 países. A figura 1 espacializa a evolução da União Européia, incluindo países candidatos, mostrando a enorme abrangência territorial desta inovadora forma de cooperação entre nações, do ponto de vista político, jurídico, econômico, social e cultural.

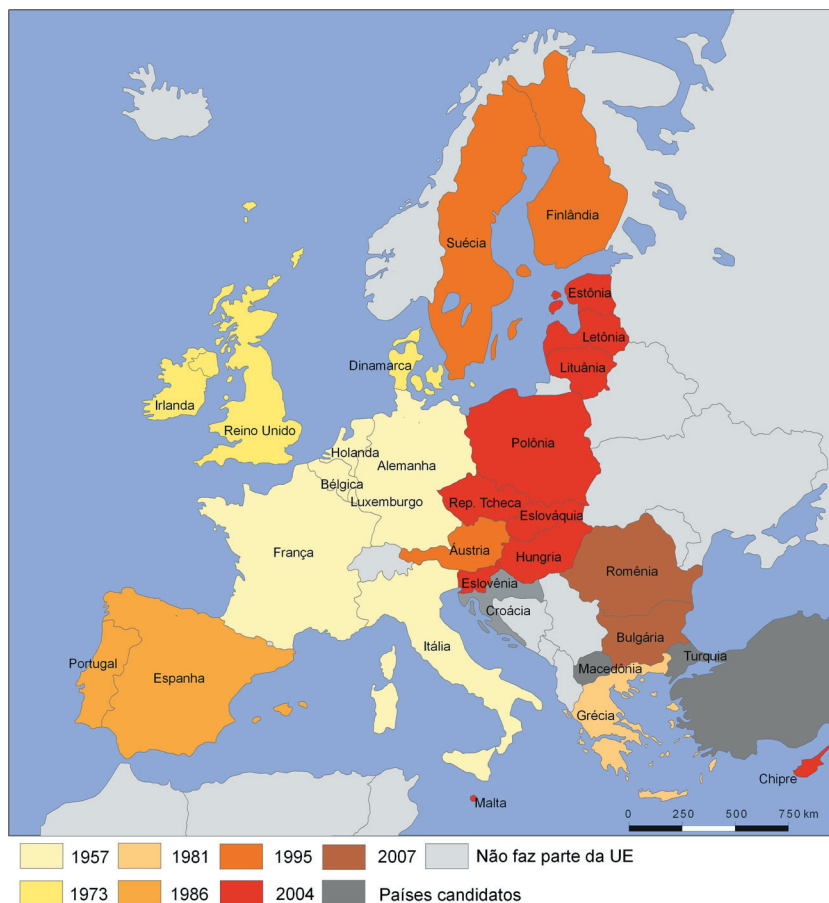


Figura 1 - Ano de ingresso dos países na União Européia

Fonte das Informações: EUROPA. *Países europeus*.

Elaboração: própria.

Em 2007, a UE tem uma população de 497.444.638 habitantes em uma superfície terrestre de 4.303.351 km². A tabela 1 mostra a grande diversidade territorial dos países da UE: o maior país em área é a França, com 632.834 km² e o menor Malta, com apenas 316 km².

A mesma tabela expressa também a grande diversidade em população. A Alemanha tem a maior população com 82.217.837 habitantes, em 2007, e novamente Malta a menor com somente 410.290 habitantes, mas este, por sua vez, tem a maior densidade demográfica, com 1.300,0 habitantes por km², contra 17,4 habitantes por km² na Finlândia, o país que apresenta a menor densidade.

Tabela 1 - União Européia – População, densidade demográfica e área – 2007

Países	População	Densidade	Área (km ²) *
União Européia	497.444.638	115,6	4.303.351
Alemanha	82.217.837	230,2	357.108
Áustria	8.331.930	100,1	83.214
Bélgica	10.666.866	351,7	30.328
Bulgária	7.640.238	68,8	111.002
Chipre	789.258	85,3	9.250
Dinamarca	5.475.791	127,1	43.098
Eslováquia	5.400.998	110,1	49.035
Eslovênia	2.025.866	100,6	20.141
Espanha	45.283.259	89,5	505.987
Estônia	1.340.935	30,9	43.432
Finlândia	5.300.484	17,4	304.086
França	63.753.140	100,7	632.834
Grécia	11.213.785	85,7	130.822
Holanda	16.405.399	486,0	33.756
Hungria	10.045.401	108,0	93.029
Irlanda	4.401.335	64,4	68.394
Itália	59.619.290	202,0	295.114
Letônia	2.270.894	36,5	62.290
Lituânia	3.366.357	53,7	62.678
Luxemburgo	483.799	187,1	2.586
Malta	410.290	1.300,0	316
Polônia	38.115.641	121,9	312.685
Portugal	10.617.575	115,3	92.118
Reino Unido	61.175.586	252,3	242.495
Rep. Tcheca	10.381.130	134,4	77.246
Romênia	21.528.627	93,6	229.973
Suécia	9.182.927	22,4	410.335

* Superfície terrestre.

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Área of regions, 2007; Population on 1. January of each year, 2008.*

Elaboração: própria.

Os dados referentes ao PIB, população e PIB *per capita* foram levantados para os países do continente europeu, incorporando os dados de seus territórios extra-continentais, como segue: Açores e Madeira para Portugal; Guadeloupe, Martinique, Guyane e Réunion, para a França; Ilhas Canárias, Ceuta e Melilla para a Espanha.

A EVOLUÇÃO RECENTE DOS DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS NA UNIÃO EUROPEIA

A análise das mudanças recentes nos desequilíbrios regionais na UE revela aspectos significativos trazidos pelas sucessivas incorporações de novos países. A tabela 2 consolida, após a montagem de um extenso banco de dados, os índices de Williamson calculados segundo os grupos de países membros para o período de 1995 a 2007, considerando a disponibilidade histórica dos dados para todos os países que fazem hoje parte da UE. Para fins de comparação, recorreu-se sempre até o ano de 1995, independentemente da constituição oficial do grupo de países membros.

Tabela 2 - União Européia – Índice de Williamson segundo grupos de países - 1995 a 2007

Nº de países	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
27 países	0,524	0,500	0,480	0,471	0,471	0,465	0,448
25 países	0,453	0,427	0,406	0,399	0,397	0,392	0,375
15 países	0,260	0,228	0,201	0,196	0,193	0,197	0,187
12 países	0,265	0,230	0,203	0,199	0,195	0,199	0,191
10 países	0,217	0,176	0,131	0,130	0,130	0,139	0,134
9 países	0,194	0,149	0,096	0,090	0,094	0,104	0,100
6 países	0,166	0,116	0,094	0,091	0,093	0,089	0,084

Nº de países	2002	2003	2004	2005	2006	2007
27 países	0,442	0,436	0,429	0,413	0,403	0,388
25 países	0,370	0,365	0,360	0,346	0,340	0,329
15 países	0,184	0,172	0,172	0,171	0,174	0,174
12 países	0,188	0,174	0,173	0,173	0,175	0,175
10 países	0,135	0,124	0,127	0,132	0,139	0,141
9 países	0,104	0,098	0,105	0,114	0,124	0,127
6 países	0,083	0,085	0,085	0,093	0,102	0,105

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product, 1995 a 2007; Population on 1. January of each year, 1996 a 2008.*

Elaboração: própria.

Analisando o conjunto dos seis países formadores da UE, Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo, tomados cada um como sendo uma região, a mesma apresentava um baixo índice de Williamson em 1995 (0,166), com variações para menos no período e, finalmente, um índice bem baixo em 2007 (0,105), expressando a forte homogeneidade interna do bloco fundador. A Europa dos nove países, incorporando a Dinamarca, a Irlanda e o Reino Unido, e a Europa dos 10 (com a entrada da Grécia) partem de índices um pouco mais altos (0,194 e 0,217, em 1995, respectivamente), mas que também são reduzidos até 2007 (0,127 e 0,141, respectivamente).

Da mesma forma, a Europa dos 12, com a entrada da Espanha e Portugal e a dos 15, com o ingresso da Áustria, Finlândia e Suécia, apresenta índices mais altos no início (0,265 e 0,260, respectivamente) reduzidos para 0,175 e 0,174, respectivamente, em 2007.

A tendência de diminuição do índice se repete com a Europa dos 25, que começa em 1995 com um índice bem mais elevado (0,453) do que os grupos anteriores, em função da entrada de países mais diversificados com relação ao bloco já constituído, os do leste europeu mais Chipre e Malta. O índice europeu dos 25 países também vai ser progressivamente reduzido até atingir 0,329, em 2007. O mesmo ocorre com a atual Europa dos 27. O índice passa de 0,524, novamente muito alto, mas que se reduz bastante em 13 anos para 0,388.

Deve-se registrar que, em 2006 (últimos dados disponíveis para efetuar o cálculo do índice), o Brasil dividido em estados, tinha um índice de Williamson de 0,474, isto é, um pouco mais alto do que a UE dos 27 países no mesmo ano.

Assim, observa-se que os desequilíbrios aumentam com o crescimento do número de países nos grupos de estados-membros da UE. Por outro lado, deve ser ressaltado que cada grupo indica redução dos índices entre 1995 e 2007. A maior redução do índice ocorreu justamente no grupo dos 27 países no período analisado, embora que, em 2007, o índice deste grupo fosse mais alto do que o dos outros grupos.

Uma segunda forma de analisar os desequilíbrios regionais na UE é a de trabalhar com níveis de regionalização abaixo do nível nacional. Na União Européia, isto corresponde à subdivisão dos territórios nacionais em regiões chamadas de NUTS (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos), definidas institucionalmente pelos estados-membros. Cada país pode subdividir o seu território em três níveis regionais hierárquicos, por exemplo, em NUTS 1 que, por sua vez, é subdividido em NUTS 2 e este em NUTS 3. Para os 27 países da UE a quantidade atual de NUTS 1 é de 97, passando para 271 NUTS 2 e para 1.303 NUTS 3. A tabela 3 indica o número de NUTS 1, 2 e 3, existentes em 2007 e segundo os grupos de países membros.

Tabela 3 - Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS) usadas na pesquisa

Nº de Países	Quantidade de NUTS 1	Quantidade de NUTS 2	Quantidade de NUTS 3
27 países	97	271	1.303
25 países	91	257	1.233
15 países	74	215	1.089
12 países	66	193	1.013
10 países	56	167	924
9 países	52	154	873
6 países	38	110	721

Elaboração: própria.

O nível regional NUTS 1 é, portanto, o nível espacialmente mais abrangente, (por exemplo, *Gewesten/Régions*, na Bélgica; *Länder*, na Alemanha; *Agrupación de comunidades autónomas*, na Espanha; *Gruppi di regioni*, na Itália e *Government Office Regions*, no Reino Unido/Inglaterra). Entretanto, alguns países não dispõem deste nível (Dinamarca, Irlanda, Luxemburgo e República Tcheca, por exemplo) o que faz que eles sejam considerados, nos nossos cálculos, como uma só região NUTS 1. No caso brasileiro, este nível pode ser comparado ao das mesorregiões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nível imediatamente abaixo do nível estadual.

A tabela 4 apresenta os índices calculados para os anos de 1996, 1998, 1999 e 2001 a 2006, sendo que para os outros anos faltam alguns dados para este nível de análise,

Com o maior detalhamento em nível territorial (27 estados-membros contra 97 regiões NUTS 1) aumentam, sem exceção, os índices de Williamson na União Européia entre 1996, primeiro ano com dados para todos as NUTS 1 e 2006, o último ano com todos os dados disponíveis para este nível escalár.

Assim, comparando os resultados da tabela 4 com a tabela 2, observa-se, com o aumento e detalhamento das unidades espaciais, um crescimento considerável do índice na UE dos seis países: subiu de 0,166 em 1996, calculado na base de países, para 0,260 com base em NUTS 1 e de 0,102 para 0,253, em 2006. Aumentou um pouco o índice na UE dos 27 comparando os valores na tabela 2 e 4: 0,500 contra 0,553, em 1996, e 0,403 contra 0,467, em 2006.

Por outro lado, como já observado na tabela 2, constata-se que, também no nível de detalhamento NUTS 1, todos os índices, embora mais altos, diminuíram no decorrer do período analisado, embora menos do que na divisão por países. Segundo nossos cálculos, os índices europeus de 2006 - NUTS 1 estão todos abaixo dos índices brasileiros, tomando como base as mesorregiões (0,558 em 2006), onde certamente influi o enorme peso das mesorregiões metropolitanas do Brasil.

Tabela 4 - União Européia – Índice de Williamson com base em NUTS 1 e segundo grupos de países - 1996, 1998, 1999 e 2001- 2006

Nº de países	1996	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006
27 países	0,553	0,527	0,530	0,508	0,504	0,498	0,490	0,476	0,467
25 países	0,485	0,460	0,461	0,442	0,439	0,434	0,428	0,417	0,411
15 países	0,315	0,293	0,294	0,292	0,291	0,283	0,281	0,281	0,282
12 países	0,322	0,301	0,302	0,300	0,299	0,290	0,287	0,288	0,289
10 países	0,286	0,260	0,264	0,267	0,270	0,265	0,264	0,268	0,271
9 países	0,270	0,242	0,248	0,251	0,255	0,253	0,253	0,258	0,263
6 países	0,260	0,248	0,252	0,250	0,251	0,251	0,247	0,250	0,253

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 1, 1996 a 2006; Population on 1. January of each year at NUTS 1, 1997 a 2007.*

Elaboração: própria.

O nível regional espacialmente mais significativo para a análise dos desequilíbrios regionais é o nível NUTS 2, com 271 unidades em 2007, como a própria UE reconhece. Com efeito:

A Conferência de Bruxelas sobre Economias Regionais, organizada em 1961 pela Comissão, foi do parecer de que a NUTS 2 (Regiões básicas) constituía o quadro geralmente utilizado pelos Estados-Membros para a aplicação das suas políticas regionais, sendo por conseguinte o nível apropriado para analisar problemas regionais-nacionais, enquanto a NUTS 1 (principais regiões socioeconômicas agrupando regiões básicas) deveria ser utilizada para analisar problemas comunitários regionais, como o "efeito da união aduaneira e da integração econômica sobre as áreas, no nível imediatamente a seguir às áreas nacionais" A NUTS 3, que abrange, de um modo geral, regiões que são demasiado pequenas para análises econômicas complexas, pode ser utilizada para estabelecer diagnósticos específicos ou para localizar as áreas em que são necessárias medidas regionais. (EUROPA. *Aplicações-NUTS*).

O emprego do nível NUTS 2 permite, portanto, que haja uma boa comparação entre os níveis de desenvolvimento regional na UE. No caso brasileiro, este nível regional pode ser comparado ao das microrregiões geográficas, definidas pelo IBGE e também considerado como uma importante escala para a análise dos desequilíbrios (SILVA; SILVA; COELHO, 2008, p.119), já que permite destacar o relevante papel de grupos de municípios bem homogêneos e potencialmente integrados, evitando valorizar demais o peso de excepcionalidades locais, de um lado, e a diluição das informações em áreas bem maiores, como as meso-áreas e áreas bem mais extensas, por outro lado, a exemplo dos estados e as grandes regiões.

Alguns exemplos do nível NUTS 2 são *Provincies/Provinces*, na Bélgica; *Regierungsbezirke*, na Alemanha; *Comunidades y ciudades autónomas*, na Espanha; *Regioni*, na Itália e *Counties*, no Reino Unido/Inglaterra. Os dados são somente disponíveis para todos os NUTS 2 no período 2004-2006, segundo as diferentes composições da UE, conforme indica a tabela 5.

Na UE, o nível NUTS 2 apresenta índices ainda maiores de desequilíbrios regionais, comparando com os níveis anteriores de análise. Os desequilíbrios também crescem substancialmente entre 2004 e 2006 à medida que aumenta o número de países da UE, como já constatado nos níveis de análise anteriores. As reduções dos índices, no período analisado, podem somente ser observadas para a UE dos 25 e a UE dos 27. Nos outros agrupamentos os índices aumentam.

Tabela 5 - União Européia – Índice de Williamson com base em NUTS 2 e segundo grupos de países - 2004-2006

Nº de países	2004	2005	2006
27 países	0,527	0,515	0,507
25 países	0,468	0,459	0,454
15 países	0,333	0,335	0,341
12 países	0,339	0,341	0,343
10 países	0,321	0,327	0,331
9 países	0,312	0,319	0,324
6 países	0,263	0,266	0,268

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 2, 2004 a 2006; Population on 1. January of each year at NUTS 2, 2005 a 2007.*

Elaboração: própria.

Deve-se registrar os valores mais baixos dos índices de Williamson para a UE dos NUTS 2 comparados com o Brasil (0,617 com base em microrregiões, em 2006).

Finalmente, foram analisados os desequilíbrios regionais da UE com base nas regiões NUTS 3 (Tabela 6). Abaixo do nível das regiões NUTS 3 teríamos ainda as Unidades Administrativas Locais (UAL) que não interessam diretamente à análise regional. Alguns exemplos de NUTS 3 da UE são: *Arrondissementen/Arrondissements*, na Bélgica; *Kreise*, na Alemanha; *Provincias*, na Espanha, *Provincie*, na Itália e *Upper tier authorities*, no Reino Unido/Inglaterra. Nesta escala, só há dados completos para o ano de 2006.

Tabela 6 - União Européia - Índice de Williamson com base em NUTS 3 e segundo grupos de países - 2006

Nº de países	2006
27 países	0,601
25 países	0,553
15 países	0,452
12 países	0,463
10 países	0,463
9 países	0,462
6 países	0,400

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 3, 2006; Annual average population at NUTS 3, 2006.*
Elaboração: própria.

Os desequilíbrios são os mais altos de todos os níveis analisados e também crescem com o aumento do número de países membros da UE.

Em 2006, os índices de Williamson da UE, com suas diferentes configurações, são mais baixos que o índice de Williamson brasileiro com base em municípios (0,881), segundo nossos cálculos. O nível municipal brasileiro é tomado apenas como uma possibilidade de comparação estatística, considerando que o mesmo corresponde ao 3º nível hierárquico do IBGE, da mesma forma que acontece com o nível hierárquico NUTS 3 na UE.

TENTANDO ENTENDER OS DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS NA UNIÃO EUROPEIA

Os atuais índices de Williamson para o conjunto da UE (a dos 27 países), e nas diversas escalas de análise, por países, NUTS 1, 2, e 3, constituem uma expressão da crescente heterogeneidade do bloco como resultado das sucessivas incorporações de novos estados-membros com diferenciados indicadores, como os usados na equação de Williamson, especialmente o PIB total e o PIB *per capita*. O grande salto para desequilíbrios mais elevados se dá com a formação da UE dos 25 países, confirmado logo depois com a UE dos 27 países.

É preciso destacar que os índices estão recuando desde 1995 (Tabela 2), o que certamente demonstra o importante papel das políticas e programas de desenvolvimento regional da UE e da maioria dos seus estados-membros.

Confirmando a heterogeneidade da atual UE, a tabela 7 mostra, para 2007, o PIB e o PIB *per capita* dos 27 estados-membros. As diferenças são consideráveis, por exemplo, no PIB *per capita*: de 3.782 e 5.753 euros *per capita* para a Bulgária e Romênia, respectivamente, os mais baixos, passa-se para 75.261 e 43.306 euros *per capita* para Luxemburgo e Irlanda, os mais altos, respectivamente. Portanto, o PIB *per capita* da Bulgária representa apenas 5,0% do PIB *per capita* de Luxemburgo e 8,7% do da Irlanda.

No caso brasileiro, a proporção, em 2006, do estado mais pobre (Piauí) com relação aos dois estados mais ricos é maior: 11,2 % do PIB *per capita* de Brasília, uma "cidade-Estado" e 21,5 % do PIB *per capita* de São Paulo. Estes dados ampliam as comparações já feitas com o Brasil.

Tabela 7 - União Européia – PIB e PIB per capita – 2007

Países	PIB (em milhões de euros)	PIB per capita* (em euros)
União Européia	12.352.959	24.833
Alemanha	2.422.900	29.469
Áustria	270.782	32.499
Bélgica	334.917	31.398
Bulgária	28.899	3.782
Chipre	15.667	19.850
Dinamarca	226.544	41.372
Eslováquia	54.857	10.157
Eslovênia	34.471	17.015
Espanha	1.050.595	23.201
Estônia	15.270	11.388
Finlândia	179.659	33.895
França	1.894.646	29.718
Grécia	228.180	20.348
Holanda	567.066	34.566
Hungria	101.370	10.091
Irlanda	190.603	43.306
Itália	1.544.915	25.913
Letônia	21.111	9.296
Lituânia	28.423	8.443
Luxemburgo	36.411	75.261
Malta	5.477	13.348
Polônia	310.613	8.149
Portugal	163.179	15.369
Reino Unido	2.044.133	33.414
República Tcheca	127.143	12.248
Romênia	123.847	5.753
Suécia	331.226	36.070

* Calculado pelas autoras.

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product, 2007; Population on 1. January of each year, 2008.*

Elaboração própria.

Por outro lado, a tabela revela que há 15 países com PIB per capita abaixo da média da União Européia, que é de 24.833 euros. São eles: Bulgária, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Grécia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, Portugal, República Tcheca e Romênia. Destes 15 países, um ingressou na EU em 1981, dois em 1986 e os demais (12) entraram em 2004 e 2007. É preciso ressaltar igualmente que, neste grupo de países, 10 são ex-países socialistas, do leste europeu.

A média europeia é certamente elevada em função da presença, dentre suas unidades, de um importante centro financeiro mundial, Luxemburgo. O PIB total de Luxemburgo (36,4 bilhões de euros) supera os PIB da Bulgária, Chipre, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia e Malta.

Também foi calculado o valor da mediana ao invés da média, sendo 20.348,2 euros a mediana do PIB per *capita* para os 27 países da UE. A mediana corresponde ao valor da Grécia. Assim, 13 países localizam-se abaixo da mediana e 13 acima deste valor. Dos que têm PIB per *capita* abaixo da mediana, um país ingressou na UE em 1986 (Portugal), 10 ingressaram em 2004 (Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia, República Tcheca, Chipre, Malta) e dois (Bulgária e Romênia) em 2007, confirmando a influência dos novos membros nos indicadores da UE.

A espacialização dos PIB per *capita* da UE pode ser vista na figura 2, com as informações classificadas por quartis, onde se destaca o bloco oriental com os mais baixos valores e os blocos centro-ocidental e do norte com os mais altos PIB per *capita* em 2007.

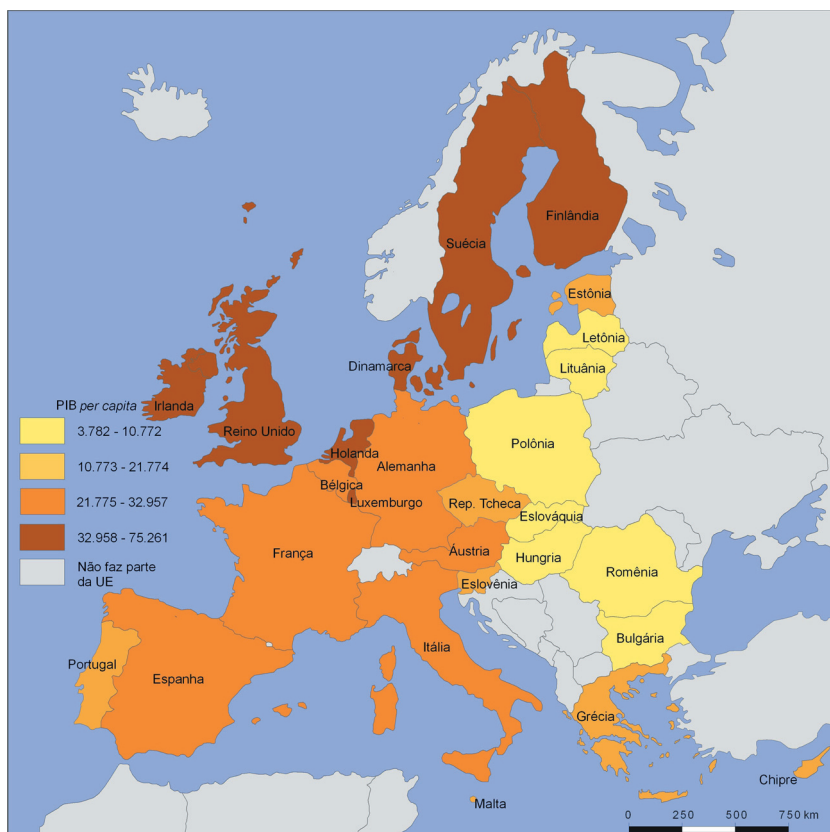


Figura 2 - União Européia - PIB per capita - 2007

Fonte dos dados: Eurostat. Cross domestic product, 2007;
Population on 1. January of each year, 2008.

Elaboração: própria.

Já a tabela 8 confirma que, em todos os níveis de análise (na base de países, NUTS 1, 2 e 3), os seis países formadores da União Européia apresentam um amplitude bem menor entre o mais alto e o mais baixo valor do PIB *per capita*, em 2006, do que a UE dos 27 países. Por outro lado, as diferenças tornam-se maiores segundo o detalhamento dos níveis escalares da análise.

Tabela 8 - Relação entre o mais baixo e mais alto PIB *per capita* segundo países e NUTS – 2006 (%)

UE	Países	NUTS 1	NUTS 2	NUTS 3
27 países	4,61	3,68	2,59	1,20
6 países	34,56	23,41	17,59	11,84

Elaboração: própria.

Finalmente, foram classificados, para 2006, os índices europeus de desequilíbrios regionais para cada país da UE dos 27 segundo as escalas de NUTS 1, 2 e 3. Para esta análise, por países, não foi possível calcular o índice para aqueles com falta de NUTS o que se aplica particularmente para pequenos países. Assim, no nível NUTS 1, onze países não têm subdivisão, no nível NUTS 2, seis países e no nível NUTS 3, somente dois países não contam com este nível. Os índices calculados são apresentados nas figuras 3, 4, e 5, usando a classificação em quartis.

Espacializando os índices, a figura 3 mostra os desequilíbrios dos países na União Européia com base nas regiões NUTS 1 que correspondem às mesorregiões brasileiras. Pode-se dizer que a mesma revela que predomina uma diversidade muito grande, sem formar agrupamentos de países.

No nível NUTS 1 é preciso destacar a presença de Portugal no grupo de países mais equilibrados e a Bélgica, no grupo de países com maiores índices, indicando que, no primeiro caso, não há a presença de uma região bem mais desenvolvida que as demais o que ocorre no exemplo belga. Por coincidência, os dois países têm o mesmo número de regiões NUTS 1 (três regiões). Portugal, além do continente, tem como regiões NUTS 1 as áreas insulares dos Açores e da Madeira.

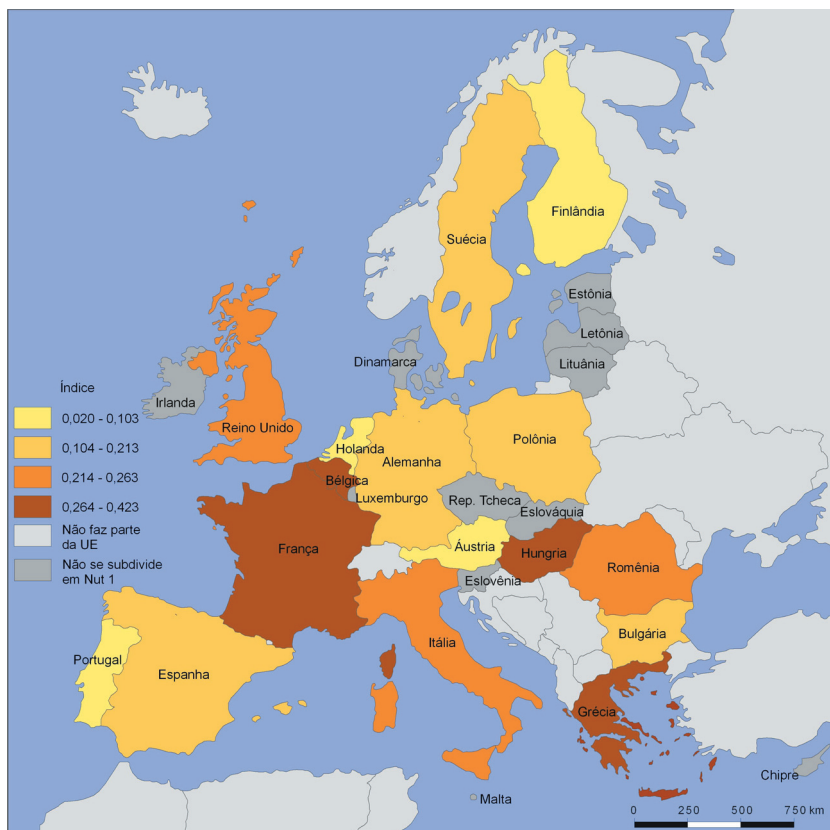


Figura 3 - União Européia – Índice de Williamson segundo os 27 países da UE com base em NUTS 1 – 2006

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 1, 2006; Population on 1. January of each year at NUTS 1, 2007.*

Elaboração: própria.

No mapeamento dos índices segundo o nível NUTS 2 (Figura 4), nota-se, na análise dos contrastes regionais, um expressivo agrupamento de países na parte do leste europeu, com índices mais elevados, e outra de países meridionais, a Grécia, Itália, a Bulgária e mais a França com índices mais baixos.

Na análise do NUTS 2, aparece no grupo de maior equilíbrio a Eslovênia por ter apenas duas regiões o que contribui, de certa forma, para homogeneizar os resultados. Já no grupo de maior desequilíbrio aparece novamente a Bélgica e também o Reino Unido. Neste grupo, dos seis países com o mais alto valor do índice, quatro são antigos países do bloco da Europa do Leste.

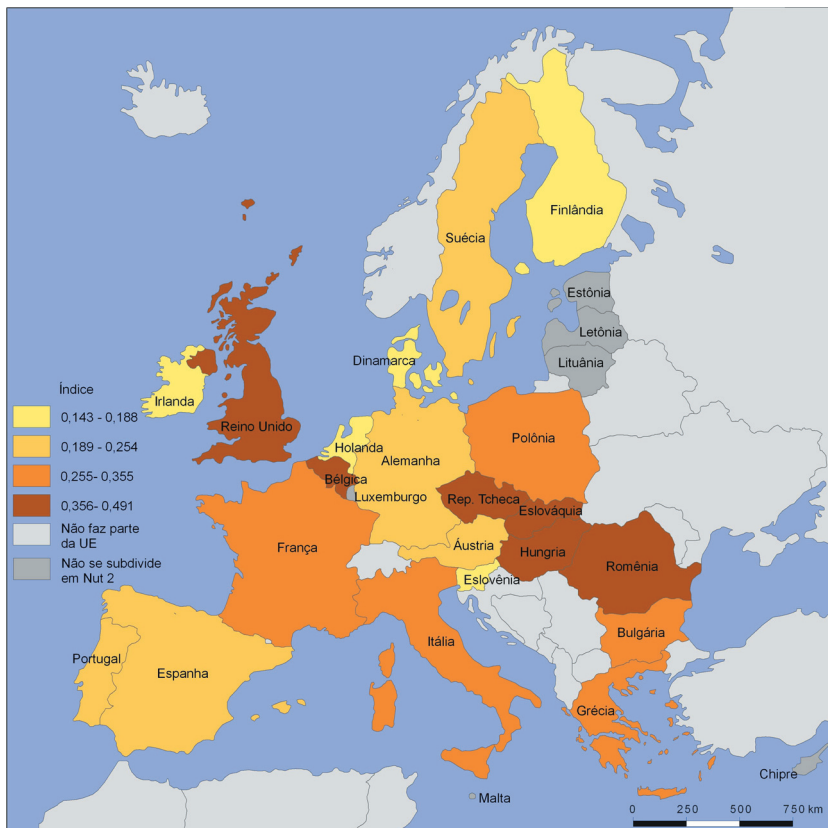


Figura 4 - União Europeia – Índice de Williamson segundo os 27 países da UE com base em NUTS 2 – 2006

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 2, 2006; Population on 1. January of each year at NUTS 2, 2007.*

Elaboração: própria.

Os contrastes regionais são muito mais expressivos com divisão em NUTS 3 (Figura 5). Assim, em termos de destaque, há claramente um grande bloco regional do leste (com maiores desequilíbrios) e outro do oeste (com menores desequilíbrios). Dos sete países mais desequilibrados neste nível NUTS 3 de análise, seis são do leste europeu.

Na divisão dos países em NUTS 3, destaca-se a presença do Reino Unido como o país com o maior índice de Williamson de todos os países. Ocorre, em grande parte, em função dos elevadíssimos indicadores do PIB e PIB *per capita* para Londres (159.771 euros *per capita* para a área Inner London-West) contra 17.838 euros para a área Isle of Anglesey, o mais baixo valor do Reino Unido. O valor do Inner London-West é o mais alto para todos os três níveis de NUTS da EU, correspondendo a uma parte da cidade de Londres, adjacente à área central, tradicionalmente uma área residencial de renda elevada, a de Notting Hill.

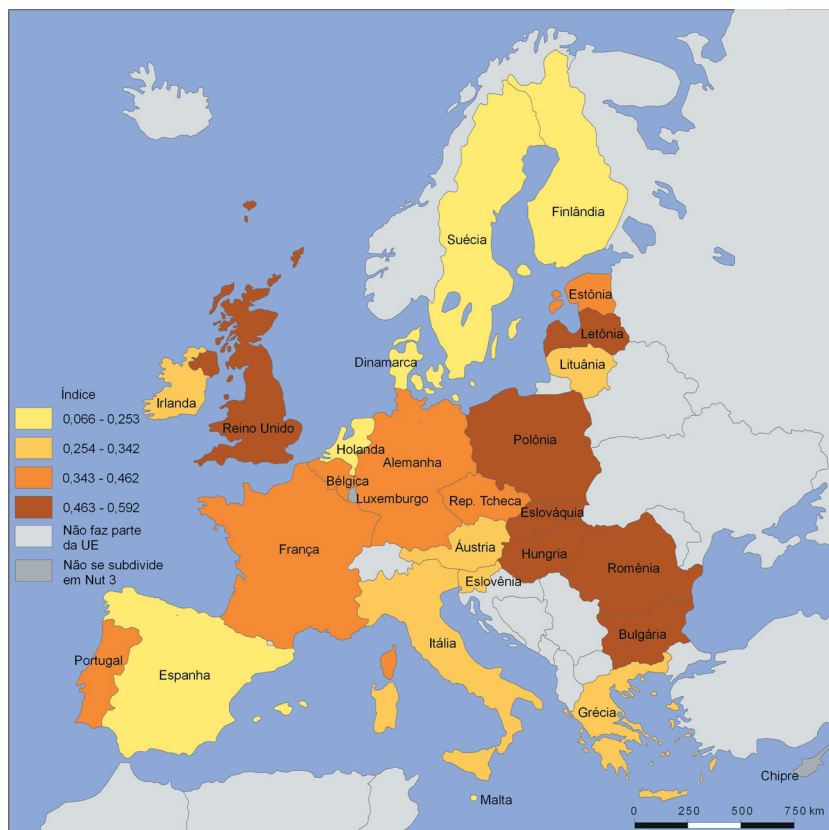


Figura 5 - União Européia – Índice de Williamson segundo os 27 países da UE com base em NUTS 3 – 2006

Fonte dos dados: EUROSTAT. *Gross domestic product at NUTS 3, 2006; Annual average population at NUTS 3, 2006.*

Elaboração: própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a análise permitiu dimensionar, de um lado, a importância das variações temporais, mesmo em um período não muito longo, associadas às variações espaciais, ou seja, usando diferentes escalas, com relação aos desequilíbrios regionais da União Européia e, por outro lado, os grandes desafios que se colocam para a política de desenvolvimento neste hoje vasto e muito diversificado continente envolvendo os estados-membros e suas diferentes regiões. Os atuais desequilíbrios regionais da UE foram reconhecidos pela responsável da Política Regional Européia da seguinte forma: "este padrão [de desequilíbrios regionais na UE] pode ser somente observado em economias emergentes como a da China e a da Índia, enquanto as disparidades nos Estados Unidos e Japão são bem menos significativas" (HÜBNER, 2008, p.1).

Entretanto, a UE tem forte tradição em abordar estas questões considerando que o Tratado de Roma, de 1957, já chamava a atenção para as "diferenças regionais", mas sem

ter efeitos imediatos em termos de políticas e projetos na área. Em 1958 é criado o Fundo Social Europeu. A efetiva política regional só vai começar em 1975 com a criação do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional. Em 1993 é implantado o Fundo de Coesão que prioriza as intervenções nos domínios do ambiente e das redes transeuropeias de transporte. A prioridade é para os estados-membros que possuem um PIB *per capita* inferior a 90% da média europeia. Os resultados de todas estas políticas têm sido positivos, constituindo uma relevante e complexa experiência, única em nível transnacional. Confirmando os bons resultados, nossas análises apontam que entre 2004 a 2006 o número de regiões NUTS 2 com valores abaixo de 75% da média europeia de PIB *per capita* caiu de 77 para 74. Se usarmos a mediana, este número caiu de 82 para 77 regiões.

A União Europeia de hoje, com a larga experiência acumulada, está preparada para assumir os grandes desafios e encargos de uma nova e complexa realidade, bem mais desequilibrada regionalmente podendo ser hoje também comparada, *mutatis mutandis*, à nossa realidade brasileira, bastante desigual e problemática. Com efeito, apesar de inúmeros esforços, desde 1958, com o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, orientado por Celso Furtado, o Brasil ainda não delineou uma política regional tão abrangente, detalhada, consistente e aceita como prioridade como a da UE. Mas, alguns esforços recentes no Brasil, como, por exemplo, os diversos programas do Ministério da Integração Nacional, em especial da Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional e da Secretaria de Programas Regionais, merecem referência e posterior avaliação (SILVA; SILVA; COELHO, 2008, p.119-121).

Com o Memorando de Entendimento entre a UE e o Brasil em Política e Cooperação Regional, de 29/11/2007, poderá ocorrer um positivo intercâmbio de experiências, inclusive institucionais, e de técnicas favoráveis às políticas regionais nos dois domínios macrorregionais.

REFERÊNCIAS

ALVA, A. R. S. de. Guia para entender a política regional da União Europeia. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília: IPEA, n. 21, p. 51-101, jun.2000.

EUROPA. **A história da União Europeia**. Disponível em: <http://europa.eu/abc/history/index_pt.htm>. Acesso em: 14 abr. 2009.

_____. **Países europeus**. Disponível em: <http://europa.eu/abc/european_countries/index_pt.htm>. Acesso em: 15 abr. 2009.

_____. **Aplicações - NUTS**. Disponível em: <http://ec.europa.eu/comm/eurostatramon/nuts/application_regions_pt.html>. Acesso em: 25 ago. 2006.

EUROSTAT. **Area of the regions, 2007**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme1/reg/reg_d3are>. Acesso em: 18 mar. 2009.

_____. **Population by sex and age on 1. January of each year, 1996 a 2008**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme3/demo/demo_pjan>. Acesso em: 07 mar. 2009.

_____. **Population at 1st January by sex and age from 1990 onwards at NUTS 1 and 2, 1997 a 2007**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme1/reg/reg_d2ja>. Acesso em: 04 mar. 2009.

_____. **Annual average population by sex at NUTS 3, 2006**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme1/reg/reg_d3avg>. Acesso em: 04 mar. 2009.

_____. **Gross domestic product (Millions of euro) at current market prices 1995 a 2007**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme2/nama/nama_gdp_c>. Acesso em: 07 mar. 2009.

_____. **Gross domestic product (millions of euro) at current market prices at NUTS 1, 2 and 3 1996 a 2006**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/extraction/evalight/EVALight.jsp?A=1&language=en&root=/theme1/reg/reg_e3gdp>. Acesso em: 04 mar. 2009.

GOMES, G. M. **Desenvolvimento e Política Regional na União Européia**. Brasília: IPEA, maio de 1997 (Texto para Discussão nº 483).

HÜBNER, D. **Working for the regions: UE Regional Policy 2007-2013**. Bruxelas: European Commission, Regional Policy, 2008.

SILVA, S. B. de M. e; SILVA, B. C. N.; COELHO, A. S. **Desequilíbrios e desigualdades regionais no Brasil e nos estados brasileiros**. João Pessoa: Ed. Grafset, 2008.

WILLIAMSON, J. G. Desigualdade regional e o processo de desenvolvimento nacional: descrição de padrões. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia Regional**. Textos escolhidos. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977. p. 53-116.

Recebido em julho de 2009

Revisado em setembro de 2009

Aceito em outubro de 2009